

Moacyr Scliar

Aquele estranho colega, o meu pai

Ilustrações: Angelo Abu





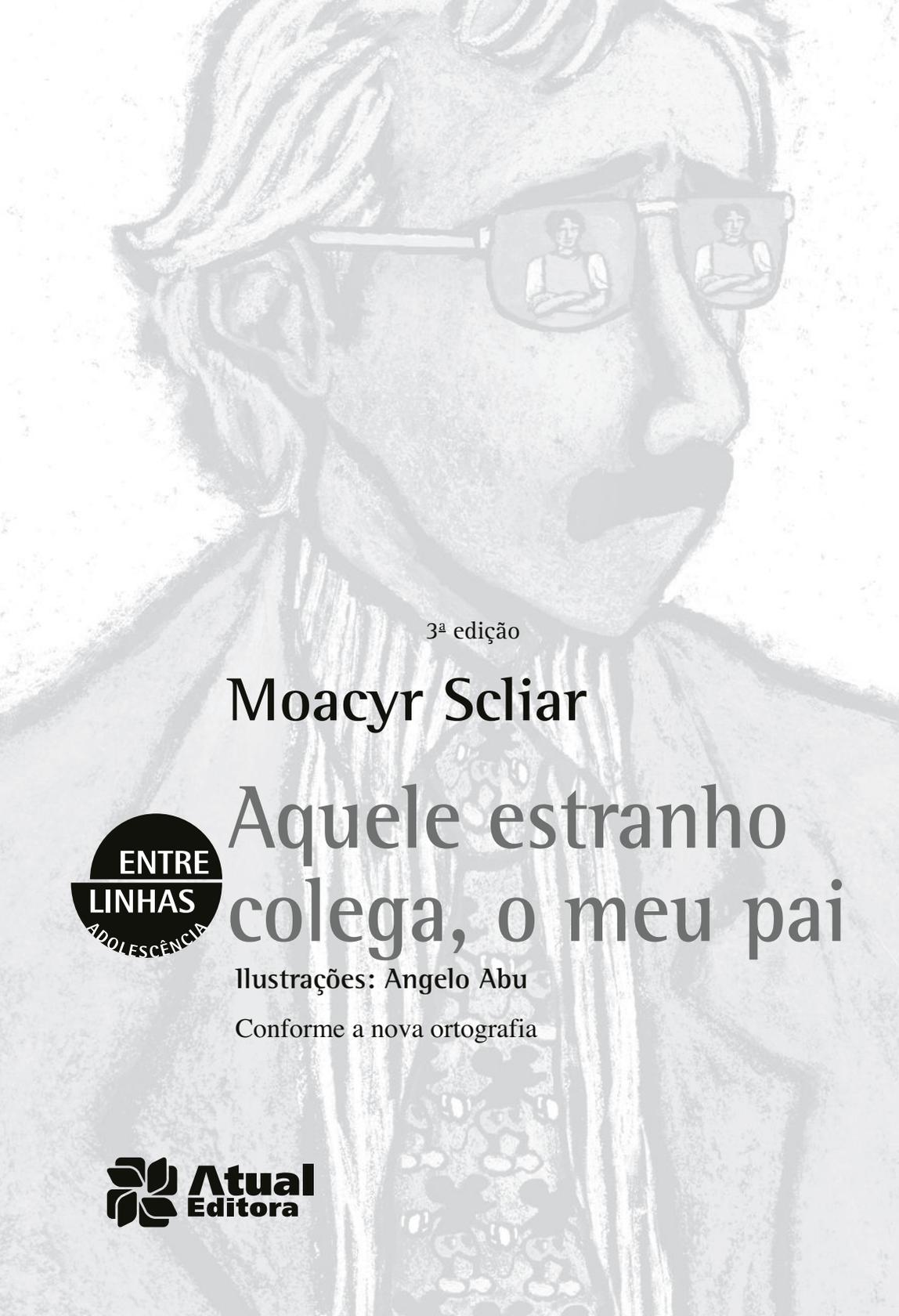
Arquivo pessoal

O AUTOR

Moacyr Scliar nasceu em Porto Alegre, aos 23 de março de 1937. Autor de uma vasta obra, que abrange vários gêneros: ficção, ensaio, crônica e literatura juvenil. Entre outros, Scliar conquistou diversos prêmios literários, como: três prêmios Jabuti (nas categorias “romance” e “contos, crônicas e novelas”); o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte, em 1989, na categoria “literatura”; e o Casa de las Américas, em 1989, na categoria “conto”. Seus livros foram traduzidos em inúmeros países. Profissionalmente, decidiu-se pela medicina, ingressando na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1955.

Foi colaborador em vários órgãos da imprensa no país e no exterior. Teve seus textos adaptados para cinema, teatro, televisão e rádio. Em 2003, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Moacyr Scliar faleceu no dia 27 de fevereiro de 2011, na mesma cidade em que nasceu.

Conheça mais sobre a vida e a obra do autor, no *site* oficial: www.moacyrscliar.com.



3ª edição

Moacyr Scliar

Aquele estranho
colega, o meu pai

Ilustrações: Angelo Abu

Conforme a nova ortografia



 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assessora editorial • Jacqueline F. de Barros

Coordenadora de preparação de texto • Maria Cecília F. Vannucchi

Revisão de texto • Pedro Cunha Júnior e Lilian Semenichin (coords.) / Elza Maria Gasparotto
Sandra R. de Souza / Célia R. do N. Camargo

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Coordenação de arte • Mizue Jyo

Diagramação • Elen Coppini Camioto

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Suplemento de leitura e Projeto de trabalho interdisciplinar • Veio Libri

Consultoria editorial • Vivina de Assis Viana Mansur

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Scliar, Moacyr, 1937-2011

Aquele estranho colega, o meu pai / Moacyr
Scliar ; ilustrações de Angelo Abu. — 3. ed. — São
Paulo : Atual, 2005. — (Entre Linhas : Adolescência)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0247-7

1. Literatura infantojuvenil I. Abu, Angelo.
II. Título. III. Série.

01-6376

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © (2001) by herdeiros de Moacyr Scliar.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

www.editorasaraiva.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

CL: 810472

CAE: 602609

Todos os direitos reservados.

Sumário



O crime não compensa – principalmente
quando unido à incompetência 5

Um começo não muito promissor 14

Os primeiros dias de uma nova vida 21

Pai toma decisão inesperada.
Filho, chocado, não sabe o que fazer 29

O primeiro dia de aula 33

É dura a vida de estudante 38

Mamãe surge de repente 42

Um segredo é descoberto 48



Grandes complicações 53

O autor 61

Entrevista 63

O crime não compensa – principalmente quando unido à incompetência



Como político corrupto, meu pai não era lá essas coisas. Para começar, seu campo de atuação era muito limitado. Vereador de cidade pequena e pobre, eleito com um mínimo de votos por um obscuro partido que apoiava o prefeito, mas não recebia muito em troca, papai não tinha muito a oferecer aos lobistas, aliás raros no lugar. Além disso, era um desastrado: deixava por toda parte pistas de suas desajeitadas negociatas.

Que nem mereceriam esse nome. Quando se fala em negociata, pensa-se em milhões de dólares. O que para meu pai seria um sonho. Para começar, ele não operava com dólares – moda americana era, para ele, coisa estranha; depois, “milhões” era um termo que não cabia na sua modesta contabilidade. Na verdade, ele conseguia para seus clientes pequenos favores; por exemplo, quando a prefeitura compra-

va serviços de terceiros, ele falava com o encarregado, recomendando seus amigos; ameaçava, suplicava, chorava, e, às vezes, até obtinha algum resultado. Ou então conseguia cancelar uma multa. Por esses “serviços” ganhava modestas comissões, que lhe permitiam trocar de carro quando o velho estava caindo aos pedaços, ou então comprar um terno. O que, claro, de imediato chamava a atenção na cidade. “Carro novo, hein?”, comentavam os amigos, com ar malicioso. Meu pai gaguejava uma desculpa qualquer, que não convencia ninguém.

Como dizia meu tio, irmão dele, papai estava mais para Ali Babá do que para os quarenta ladrões. Ninguém se admirou, portanto, quando o escândalo – na verdade, um miniescândalo – da Construtora Ferraz veio à luz.

A história não era muito diferente dessas que volta e meia aparecem nos jornais, e nem sempre na primeira página (no caso do meu pai deu manchete, claro; em primeiro lugar porque o jornal da cidade andava meio sem assunto, e depois porque ele era azarado mesmo). A construtora havia adquirido um terreno nos arredores da cidade para ali construir o que seria chamado de Império das Águas, um nome imponente para um pequeno parque com alguns tanques e piscinas onde as famílias iriam, supostamente, se divertir muito. Acontece que o tal terreno ficava num lugar de difícil acesso: não havia sequer ruas naquela região. Meu pai ofereceu-se ao Ferraz, seu amigo de infância, para apresentar um projeto obrigando a prefeitura a construir uma avenida – sim, nada menos do que uma larguíssima avenida – até o futuro parque. De início, Ferraz mostrou-se cético: você não consegue nada, rapaz, todo o mundo sabe que sua influência na Câmara dos Vereadores é quase zero. Meu pai, porém, insistiu: já tinha feito contatos prévios e podia garantir os votos necessários para a aprovação do projeto:

– Mais fácil que roubar de velhinhas – garantiu.

Relutante embora, Ferraz acabou concordando. Fez um pequeno adiantamento em dinheiro, comprometendo-se a entregar o resto quando o prefeito assinasse o competente decreto. Papai foi embora satisfeito, convencido de que aquele era apenas o começo de uma série de lucrativas safadezas.